

# Assassinato de missionários jesuítas envolto ainda em mistério

Manuel Vilas Boas O Jornal 15/11/85

Insistentes notícias, provenientes de Moçambique e do Malawi, continuam a atribuir à polícia política moçambicana a responsabilidade do assassinato, a 30 de Novembro passado, dos dois missionários jesuítas, o P.º Sílvio Moreira, português, e João de Deus Kantedza, moçambicano, encontrados mortos a 3 de Novembro, próximo da Missão de Chapotera, na Angónia, distrito de Tete, Moçambique.

As mesmas fontes denunciam o «estado caótico de segurança naquela zona», de forte infiltração da Renamo, onde «as forças da ordem prendem e executam civis sob a acusação de contactos com tropas rebeldes».

Apesar dos pedidos formais de explicação, sobre estes incidentes, feitos pelo Presidente da República, Embaixada de Portugal no Maputo, Cúria Geral de Roma e Cúria provincial de Portugal e Moçambique, da Companhia de Jesus, Bispo de Tete e Conferência Episcopal Moçambicana, não é conhecida ainda a versão oficial dos acontecimentos. A Renamo, movimento antigovernamental, à qual vêm sendo atribuídas estas e outras acções violentas, declarou em telegrama divulgado, em Lisboa, na semana passada, não estar envolvida nes-

tes incidentes, responsabilizando, directamente, a Frelimo por tais assassinatos. Entretanto, a 20 de Novembro de 1983, é baleado pela Renamo próximo de Nampula o P.º Alério Baptista, membro da Sociedade Missionária Portuguesa.

Recorde-se ainda que nos meses de Junho e Julho a Renamo raptou, no mesmo distrito, cinco religiosas, missionárias, sendo três pertencentes à congregação de S. José de Cluny e duas Doroteias. Na mesma ocasião foram raptados três missionários jesuítas, os padres Teodoro Rebelo e Domingos da Silva e o irmão leigo Adelino Rodrigues. Todos estes missionários (religiosas e jesuítas) viriam a ser libertados a 7 de Setembro passado, afirmando, apesar do rapto, nunca terem sido molestados, durante o cativeiro, imposto pela Renamo.

Um membro da Cúria provincial dos Jesuítas em Portugal não crê, no entanto, que venham a resultar quaisquer diligências oficiais no sentido de se obter a verdade dos factos, dada a sua inoperância em situações semelhantes anteriores.

«Quebrar a série»...

A 30 de Outubro, Arménio Moreira, ex-seminarista jesuíta, recebe, em Rio Meão, Vila da Feira, terra da naturalidade da família Moreira, uma carta carimbada no Malawi, remetida e escrita pelo irmão, o terceiro da família, missionário na Angónia. A carta chegava, como testamento, nas vésperas do aniversário do segundo irmão mais velho, talvez à hora da morte trágica do P.º Sílvio, em Moçambique. Dizia: «O último ganso que nasceu não consegui, apesar dos cuidados, salvá-lo. Já está morto! Também ao nosso lado continuam a morrer pessoas. O pior é que eu não sei se faço tudo o que devia fazer para minorar a situação, para quebrar a série... Vou vivendo «cantando e rindo...»... mas também neste «vale de lágrimas», em que tu não acreditas que eu me deixe cair, apesar de tudo, vou sendo um homem optimista.»

A morte atracar-se-ia a ele e



Sílvio Moreira e João de Deus Kantedza Os jesuítas assassinados



ao companheiro (a tiro ou com arma branca, não se conhecem ainda os pormenores) ali, no mato, a algumas centenas de metros da Missão. Ninguém os supunha tão perto. Para ali ficariam cinco dias, ensoçados na terra. Um grupo de cristãos encontrá-los-ia depois, já em adiantado estado de decomposição. A seguir, foi o funeral apressado. O Bispo não pode estar presente. Para a viagem de avião, não havia combustível. Nem manutenção.

Na Angónia, terra natal do P.º João de Deus Kantedza, a mãe do primeiro sacerdote jesuíta moçambicano pede justiça para o seu filho assassinado. Em Rio Meão, a família Moreira quer ir até às últimas consequências. «O mais maravilhoso dos treze irmãos», no dizer da sua irmã Eulália, não pode morrer impunemente. Mesmo que a África fosse há 14 anos, a sua obstinada sedução. Estão em causa a segurança e a vida de cidadãos indefesos, missionários ou não, de uma qualquer pátria ou dignidade.